



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

SABRINA PEREIRA DE LIMA MARQUES

**UM BREVE OLHAR SOBRE A AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

João Pessoa - PB

2014

SABRINA PEREIRA DE LIMA MARQUES

UM BREVE OLHAR SOBRE A AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ms^a. Verônica de Lourdes Batista de Oliveira

João Pessoa - PB

2014

M357b Marques, Sabrina Pereira de Lima.

Um breve olhar sobre a agressividade na educação infantil / Sabrina Pereira de Lima Marques. – João Pessoa: UFPB, 2015.

32f.

Orientador: Verônica de Lourdes Batista de Oliveira

Monografia (graduação em Pedagogia – modalidade a distância) – UFPB/CE

1. Educação infantil. 2. Agressividade infantil. 3. Teoria Winnicottiana. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.24 (043.2)

SABRINA PEREIRA DE LIMA MARQUES

UM BREVE OLHAR SOBRE A AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade a Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/2014

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. _____

Prof.^a. Verônica de Lourdes Batista de Oliveira
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof.^a. _____

Prof.^a. Marilene Salgueiro Berto Machado
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof.^a. _____

Prof.^a. Norma Maria de Lima
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

A Deus.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu a oportunidade de usufruir da vida, sendo o meu refúgio, a minha força e fortaleza para enfrentar as dificuldades vividas durante o percurso.

Aos meus pais amados.

A minha irmã, amiga e companheira, Samara.

As minhas filhas, Ana Carolina e Ana Beatriz.

A minha orientadora, Verônica Batista, pela sua humildade, paciência, compreensão e, principalmente, motivação.

Aos meus amigos de curso Ana Lúcia, Ana Marques, Elane, Higor, Cacilda, Kelly e, especialmente, Wilma e Nazaré, que dividiram vitórias e angústias, diminuindo a sensação de solidão e abandono do curso a distância.

*“Nas grandes batalhas da vida, o primeiro passo
para a vitória é o desejo de vencer.” (Mahatma
Gandhi)*

RESUMO

Esta pesquisa intitulada “Um breve olhar sobre a agressividade na educação infantil” teve como objetivo identificar os principais desafios e possibilidades para garantir um ambiente escolar não violento, pois a criança tem o direito a espaços educativos seguros, saudáveis e acolhedores. Desse modo, através de uma abordagem qualitativa, cuja meta é compreender os aspectos psicológicos e sociológicos, além de formar uma visão geral do tema estudado, fomos delineando a forma como as professoras compreendem e lidam com o comportamento agressivo na educação infantil, visto que este comportamento está se naturalizando nas salas de aula cada vez mais cedo e poderá se consolidar de maneira negativa, causando reflexos na vida adulta. Pelo motivo de a educação infantil ser uma fase fundamental para a formação da personalidade da criança, a intervenção nesta fase é primordial. Considerando esta importância, aplicamos um questionário a dez professoras de dois Centros de Referência da Educação Infantil - CREIS do município de João Pessoa, na Paraíba. Assim, priorizamos a teoria Winnicottiana (1982) para a análise de dados e os resultados coletados apontaram para a necessidade de uma formação específica acerca da atuação com crianças agressivas, seja na formação inicial ou continuada. Portanto, é urgente a necessidade da implantação de políticas públicas que garantam um espaço escolar seguro e que possibilite aos docentes uma preparação adequada para atuarem de modo a minimizar o comportamento agressivo em salas de aula, para que a agressividade na escola não chegue a se consolidar com a violência, tornando-se um problema insolúvel.

Palavras-chave: Agressividade infantil; Educação Infantil; Teoria Winnicottiana.

ABSTRACT

This research entitled "A brief look at aggression in early childhood education" aimed at identifying the main challenges and opportunities to ensure a non-violent school environment, because the child has the right to education safe spaces, healthy and welcoming. Thus, through a qualitative approach, whose goal is to understand the psychological and sociological aspects, in addition to forming an overview of the subject studied, we were outlining how teachers understand and deal with aggressive behavior in early childhood education, as this behavior is naturalized in classrooms at an earlier age and may become entrenched in a negative way, causing effects on adult life through drug abuse and even illegal ways of survival. By reason of early childhood education is a fundamental phase for the formation of the child's personality, intervention at this stage is paramount. Given this importance, we applied a questionnaire to ten teachers of two Early Childhood Education Reference Center - CREIS the city of João Pessoa in Paraíba. So prioritize Winnicottiana theory (1982) for data analysis and the collected results pointed to the need for specific training in the operation with aggressive children, whether in initial or continuing education. Therefore, there is urgent need to implement public policies to ensure a safe school environment and that allows the teachers adequate preparation to act to minimize aggressive behavior in classrooms, for that aggression in school does not come to be consolidated with violence, becoming an insoluble problem.

Keywords: Children's aggressiveness; Early Childhood Education; Theory Winnicottiana.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2. AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	12
2.1 Contextualizando a Educação Infantil e a Criança	12
2.2 Breve Estudo da Agressividade Infantil	13
2.3 As Raízes da Agressividade Segundo Winnicott	16
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
3.1 Campo e Sujeitos da Pesquisa	18
3.2 Tipo de Pesquisa	18
3.3 Instrumento de Coleta de Dados	19
4. ANÁLISE DE DADOS	20
4.1 Caracterizando os CREIS	20
4.2 O Perfil Profissional Docente	20
4.3 As Formas de Agressividade na Escola	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICE	29

INTRODUÇÃO

A agressividade infantil é um dos principais problemas de comportamento encontrado nas salas de aula. Este comportamento poderá se estender à adolescência, refletindo na vida adulta e fazendo surgir até mesmo abuso de drogas, bebidas, além do desenvolvimento de maneiras ilícitas de sobrevivência.

No percurso da prática como educadora, embora a minha principal atuação seja no nível fundamental, venho observando mudanças significativas nos comportamentos das crianças, o que me fez constatar que essa realidade também faz parte do universo da Educação Infantil, porém não na mesma proporção. Por isso, o interesse em desenvolver essa pesquisa foi intensificado, na perspectiva de contribuir para que os espaços educativos elencados para a realização desse trabalho se tornem ambientes facilitadores, de maneira a minimizar o comportamento agressivo e propiciar um ambiente escolar saudável.

Mesmo esse problema sendo tão comum em salas de aula atualmente, ainda existe grande dificuldade em lidar com o comportamento agressivo infantil, visto que nos cursos de formação docente a temática não é amplamente discutida e, por isso, há um grande desconhecimento e despreparo do professor em lidar com as crianças agressivas. Ora o docente reprime a criança ou contém a mesma, ora a expõe na tentativa de correção ou ajuste da situação.

A agressividade, embora faça parte da formação da criança, poderá se estender ao longo da vida ocasionando uma inadaptação social, e ainda ser transmitida às gerações vindouras, pois sabemos que o ambiente influencia na formação do ser.

Reconhecendo o comportamento agressivo infantil como reflexo da falta de capacidade de expressão e, principalmente, do contexto no qual a criança se insere, cabe ao educador promover ações que levem a criança a refletir e construir sua formação moral e ética. Com isto, garantir o direito citado no artigo 5º, do Estatuto da criança e do adolescente – ECA (1990), que afirma que nenhuma criança será objeto de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Diante dos fatos elencados, percebeu-se a importância de se desenvolver o estudo sobre o tema, como maneira de pesquisar meios que possam proporcionar um ambiente escolar saudável, tendo em vista que o Estatuto da Criança e do adolescente – ECA (1990) ressalta, em seu artigo 4º, o dever da família, da sociedade, do poder público e da comunidade

assegurar a efetivação dos direitos referentes à educação, à cultura, à dignidade, à convivência familiar e comunitária, além do respeito, entre outros.

É um grande desafio para a escola incorporar posturas e atuar de maneira a minimizar o comportamento agressivo neste ambiente educativo. Na tentativa de responder a questão problema, indagamos: “Quais os principais desafios e possibilidades para garantir à criança um espaço escolar saudável e seguro?”. Foi buscando investigar a forma como a agressividade infantil é vivenciada, entendida e praticada na Educação Infantil, que incitou o interesse em desenvolver essa pesquisa.

Nesse sentido, este trabalho ficou assim dividido. O primeiro capítulo trata da Introdução, apresentando o tema principal, os objetivos gerais e específicos, a questão problema e a justificativa para a pesquisa. No segundo capítulo, apresentamos a Fundamentação Teórica acerca dos estudos de Winnicott e da contribuição de Maia e Vilhena, Pesce e Dias, divididos em três subcapítulos. O terceiro capítulo é referente à Metodologia, além da Pesquisa de Campo e é subdividido em três subcapítulos. O quarto capítulo contempla a Análise de Dados que abrange uma subdivisão em três subcapítulos: caracterizando os CREIS, O perfil profissional docente e A agressividade infantil nas escolas. Por fim apresentamos as considerações acerca do tema apresentado, enfatizando a importância do ambiente para o desenvolvimento da criança.

2. AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1 Contextualizando a Educação Infantil e a Criança

Em uma perspectiva sociológica, a Educação Infantil compreende a construção das relações entre crianças-crianças-adultos, através da expressão, do afeto, dos jogos, das brincadeiras, das linguagens, do movimento corporal, da fantasia, entre outros, constituindo-se um espaço de convívio onde há respeito pelas relações culturais, sociais e familiares.

Numa abordagem legal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (1996) reconhece a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica. Vejamos:

Art.29. A Educação Infantil é conceituada como a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico e social, complementando a ação da família e da comunidade.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (1998) é um documento que apresenta um conjunto de referências e orientações pedagógicas que objetivam contribuir com a implantação de práticas educativas de qualidade que possam dar as condições necessárias para o exercício da cidadania pelas crianças. Neste documento, a concepção de criança a reconhece em suas particularidades:

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sócias. (RCNEI, 1998, p.21)

Assim, segundo o RCNEI (1998), a criança passa a ser vista como sujeito de direitos que ao mesmo tempo em que é transformada pelo meio, do qual está inserida, também transforma esse meio, confirmando que é sujeito ativo e inovador. Este documento também enfatiza a importância da família como base fundamental para as interações sociais em outras instâncias.

As Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNs (2010) apontam os princípios básicos para a organização do trabalho pedagógico na educação infantil, são eles:

- Éticos: valorização da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferenças culturais, identidades e singularidades.
- Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.
- Estéticos: valorização da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais.

Desse modo, a Educação Infantil deve ser compreendida em sua amplitude, pois envolve todas as maneiras de educação da criança até cinco anos, não se limitando somente a escola, mas englobando aspectos intelectuais, físicos, cognitivos, afetivos e, especialmente, os aspectos sociais, considerando o desenvolvimento integral da criança, sua autonomia e sua condição cidadã.

2.2 Breve Estudo da Agressividade Infantil

Segundo o dicionário de língua portuguesa Ruth Rocha (2006, p.19-20), “a agressão é o ato de agredir, atacar, insultar, injuriar.” Pesce (2008, p.8) apresenta o comportamento agressivo como uma alteração de conduta que habitualmente apresenta evolução constante e demonstra resistência às tentativas de controle da família e da escola. Para Winnicott (1982), a agressividade infantil constitui uma reação direta ou indireta à frustração. Outro conceito que podemos destacar:

“A agressividade é uma tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantásticos que visam prejudicar o outro, destruí-lo, humilhá-lo. A agressão não conhece outras modalidades além da ação motora violenta e destruidora, não existe comportamento, quer negativo (recusa de auxílio) quer positivo (ironia, por exemplo) ou efetivamente concretizada, que possa funcionar com agressão.” LAPLANCH e PONTALES (2001, p. 196).

Pode-se inferir que a agressividade infantil constitui-se como uma conduta do comportamento humano em reagir direta ou indiretamente a uma frustração. Desse modo, a criança demonstra sua insatisfação e/ou até mesmo a inaptidão para a verbalização dos anseios, desejos e incômodos.

Para o estudo da agressividade infantil, é preciso considerar as formas de estágios de desenvolvimento que, segundo Piaget (1970, p. 11-29), são quatro. Porém, dar-se-á ênfase a duas fases que compreendem o período da infância que é o nosso objeto de estudo, ou seja, o período da Educação Infantil. Assim, destacam-se os estágios:

- Estágio sensório-motor, que compreende o período de 0 a 2 anos, em que o bebê começa a construir esquemas de ação para assimilar mentalmente o meio.
- Estágio pré-operatório, que compreende o período de 2 a 7 anos, em que a criança explora melhor o ambiente em que vive, age por simulação, desenvolve uma percepção mais global, etc.

Podemos entender que, para Piaget, nestes estágios a criança vai estruturar sua visão de mundo, a partir das adaptações, acomodações e modificações as quais estiverem expostas. Em outras palavras, a formação da criança dar-se-á através da absorção e até do reflexo do meio ao qual a criança é exposta.

Por este motivo, é que a intervenção da escola e da família na Educação Infantil é primordial para que haja êxito no processo de educar para a não violência, visto que muitas crianças apresentam comportamento violento de uma hora para outra, ou seja, começam a agredir seus coleguinhas, bater em seus próprios pais, xingar, morder, estapear, maltratar animais, quebrar brinquedos, atirar objetos, etc., pelos motivos mais banais.

Sabemos que a criança, ao ser contrariada, ainda não tem a maturidade formada para lidar com esta situação e acaba recorrendo a ações violentas, pois é a forma que ela tem de se expressar, ou seja, como ela ainda não tem a capacidade de se expressar claramente por palavras, ela acaba sendo violenta como maneira de dizer que algo não está bem com ela. Em suma, pode-se dizer que a agressividade infantil está ligada à dificuldade de se expressar, pois a criança pequena ainda não tem competência cognitiva para trabalhar a frustração.

São vários os fatores que levam a criança a se tornar um ser violento, dentre eles: a violência doméstica, o abuso sexual, a falta de atenção e amor dos pais, a pressão psicológica, as frustrações, a perda de um ente querido, a falta de limites, a separação dos pais, doenças, a privação, enfim são inúmeros os motivos.

Entendendo que a criança é influenciada pelo ambiente em que vive, Maia e Villhena (2003) afirmam que a base deste comportamento encontra-se inicialmente nos pilares parentais, ou seja, há uma falha na função de pai ou mãe, ou até de ambos, pois para a criança estes papéis estão confusos ou até mesmo inexistentes. Por este motivo, é preciso que haja um

mediador que possa intervir de maneira a ajudar a criança a se expressar e lidar com suas frustrações.

Assim, o professor da Educação Infantil pode colaborar como mediador, observando estes comportamentos de maneira a compreender como lidar com cada situação, pois no caso da agressividade infantil, o sujeito deve ser considerado único, ou melhor, a subjetividade humana deve ser considerada, como também a vivência e a individualidade de cada um, sem deixar de lado questões como: faixa etária, condição sócio econômica, sexo, estrutura familiar, etc.

Porém, há de se enfatizar que o professor não é um profissional da Psicologia que poderá sanar sozinho o problema da agressividade em crianças, entretanto, ele poderá, juntamente com a família da mesma, minimizar os efeitos, as consequências da violência e, principalmente, poderá influenciar na educação das crianças, desde que proporcione um ambiente de convivência agradável, imponha limites, enfim que seja um espelho, pois, como já citado, a criança reflete o meio em que vive, ela copia, imita.

A observação docente é extremamente importante, pois muitas vezes os pais não percebem a evolução do comportamento agressivo da criança, seja por apenas encontrarem a criança dormindo pelo motivo de trabalharem o dia inteiro ou por simplesmente serem omissos na educação de seus filhos, cabendo à escola, na maioria dos casos, educar as crianças integralmente.

A história da educação pode contribuir para o entendimento deste modelo, visto que, a educação da criança era feita pelos adultos e pela comunidade e a responsabilidade passou a ser delegada à escola em decorrência da necessidade da sociedade, além da influência das classes sociais.

As mudanças que a família vem apresentando atualmente retratam a fragilidade do seu papel social, pois tem se tornando menos sólida, com menos tempo para se dedicarem aos seus membros, entre outros fatores que comprovam que a família vive uma instabilidade, que é reflexo da sociedade e esta demandou novas formas e exigências de trabalho para o homem e, especialmente, para a mulher, atingindo diretamente o seio parental. Porém, há de se ressaltar que a falta de tempo não pode ser considerada fato causador de agressividade na criança, mas considera-se a qualidade do tempo dedicado aos pequenos.

A família é a base para que se propicie à criança um ambiente saudável que permita sobreviver e vencer a agressividade.

Se a criança tiver um ambiente facilitador (...) poderá exercer sua agressividade, vivenciá-la e sobreviver a ela, integrando-se como um ser total.

Se o ambiente não tiver sido propício nem facilitador, (...) esta criança continuará a procurar bolos até encontrar um que resista a seus ataques e ela possa comê-lo e internalizá-lo como sendo seu. (SANTOS apud MAIA 2008, p.6)

Como vimos acima, o ambiente deve ser facilitador e a escola tem sua responsabilidade/papel nesta questão, pois também deve propiciar este tipo de ambiente para que complemente o trabalho dos pais, sem deixar de lado o papel importantíssimo do psicólogo, com sua orientação e diagnóstico. Em suma, a ação para que se tenha êxito, deve ser feita de forma conjunta, para que seja possível minimizar e até vencer o comportamento agressivo das crianças.

2.3 As Raízes da Agressividade Segundo Winnicott

Winnicott (1982, p. 262) afirma que a agressividade tem dois significados, ou seja, por um lado constitui direta ou indiretamente uma reação à frustração, como já supracitado, por outro lado, confirma que é uma das muitas fontes de energia, tomando o tema como vasto e complexo.

O autor ainda nos chama a atenção para o fato de que existem características inatas aos seres humanos que podem ser encontradas tanto em adultos quanto em crianças. Em outras palavras, as pessoas detêm características em comum, sendo a agressividade inata ao ser. Nesse caso:

Uma criança pode tender para a agressividade e outra dificilmente revelará qualquer sintoma de agressividade, desde o princípio; todavia, cada uma delas tem o mesmo problema. Trata-se, simplesmente, de que as duas crianças estão manobrando de maneiras distintas suas respectivas cargas de impulso agressivo. (WINNICOTT, 1982, p.263).

Na tentativa de compreender o início da agressividade, consideram-se os movimentos das pernas dos fetos, que são percebidos como os chutes que a mãe sente e é uma tendência do bebê em movimentar-se e, segundo o autor, constitui-se numa tentativa de obter algum prazer muscular no movimento.

Como vimos, a agressividade faz parte do ser humano e as primeiras pancadas na infância conduzem a criança ao descobrimento do mundo que não é o dela e, desse modo, vai se construindo uma relação com o externo. Os primeiros impulsos manifestam o estar vivo e só será um comportamento agressivo através do amadurecimento.

Para Winnicott, a agressividade só se desenvolverá se for oportunizada a experiência. Nesse caso, o ambiente é fundamental, pois se esse comportamento for reconhecido como inato ao ser humano e essa condição do ser for canalizada, poderá integrar-se à personalidade de maneira positiva, colaborando para a formação dessa personalidade.

Dias (2000), sobre a teoria Winnicottiana, afirma que se esta integração não ocorrer, há a possibilidade de a agressividade ser mascarada, reprimida e, desse modo, reforçar-se com a violência, com o comportamento antissocial e a compulsão destrutiva.

Ratificando a importância do ambiente para o autor, Dias (2000) diz que é a atitude do ambiente, com relação à agressividade, que irá influenciar de maneira determinante o modo que a criança lidará com a tendência agressiva. O ambiente tanto poderá proporcionar o fracasso quanto o sucesso na estruturação da personalidade da criança.

Conforme Winnicott (1982), muitas vezes a agressão mostra-se claramente, e, nesse caso, demanda a necessidade de alguém para intervir de modo a impedir os danos que ela poderia causar. Outras vezes, a agressão não aparece de modo claro, mas surgem os seus impulsos sob a forma de um determinado tipo oposto. Enfim, a agressividade está ligada à distinção entre o que é o eu e o que não é o eu.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Campo e Sujeitos da Pesquisa

O campo de atuação delimitado correspondeu a dois Centros de Referência da Educação Infantil – CREIS da rede municipal da cidade de João Pessoa – PB e que estão localizados na zona urbana, sendo as respectivas professoras das creches os sujeitos dessa pesquisa.

Os CREIS não foram identificados para não expor as crianças e suas respectivas professoras a situações vexatórias, nem colocá-las em situações de risco, visto que, mais do que socializar questionamentos, prioriza-se a ética.

No Art. 5º da Constituição Federal, inciso X, constitui direito do cidadão a inviolabilidade da intimidade, da vida privada, da honra e imagem das pessoas, inclusive, assegurando o direito à indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação.

Segundo o Estatuto da Criança e do adolescente - ECA (1990, p.10):

O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais. (Art. 17)

É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor. (Art. 18)

3.2 Tipo de Pesquisa

Este trabalho foi se constituindo através de um estudo exploratório bibliográfico de natureza qualitativa, como ressalta Prestes (2008, p.29), sobre a pesquisa exploratória:

A pesquisa exploratória configura-se como a que acontece na fase preliminar, antes do planejamento formal do trabalho. Ela tem como objetivo proporcionar maiores informações sobre o assunto que vai ser investigado, facilitar a delimitação do tema a ser pesquisado, orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir uma nova possibilidade de enfoque para o assunto.

Por meio da pesquisa exploratória, pode-se avaliar a possibilidade de desenvolvimento de um trabalho satisfatório, o que vai permitir o estabelecimento dos critérios a serem adotados, bem como dos métodos e das técnicas mais adequadas.

Segundo Minayo (*apud* BRENNAND et al, 2012, p.64), a abordagem qualitativa tem o objetivo de “aprofundar o mundo dos significados das ações e das relações humanas, o aspecto não perceptivo, não captável em equações, médias e estatísticas”.

Por isso, elegeu-se este tipo de abordagem cuja meta é compreender os aspectos psicológicos e sociológicos e formar uma visão geral do tema estudado. Assim, buscamos pesquisar as posturas empregadas em relação à agressividade na educação infantil, bem como valores, crenças, motivos, ações e reações humanas que não são delimitadas, nem definidas quantitativamente e que ultrapassam o senso comum.

Concordando com Minayo (1994, p. 29), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares [...]” e por não ser fixa, ou melhor, estruturada, baseia-se em pequenas amostras que poderão proporcionar um maior entendimento sobre o tema analisado.

3.3 Instrumento de Coleta de Dados

De acordo com Haguette (*apud* BRENNAND et al, 2012), na área da Educação Infantil, as pesquisas sobre determinados problemas sociais devem estar pautadas sob o ponto de vista de quem os vive.

Para a análise desses dados, foi aplicado um questionário que agrupou perguntas abertas e fechadas para que não somente pudéssemos delinear questões básicas sobre os participantes, mas também aprofundar as opiniões dos mesmos sobre o tema pesquisado.

Esse processo de ouvir o sujeito participante de determinada realidade, dando voz a ele, possibilita um olhar mais cuidadoso do pesquisador, visto que objetiva o conhecimento de determinadas opiniões, crenças, valores, sentimentos e expectativas.

Por esse motivo, a aplicação do questionário com cada uma das participantes foi realizado isoladamente, para que as docentes não fossem influenciadas pelas respostas das colegas, contribuindo assim para a constatação real e efetiva do conhecimento das docentes acerca do tema proposto na pesquisa.

4. ANÁLISE DE DADOS

4.1 Caracterizando os CREIS

O CREI X é uma creche que pertencia ao estado e foi municipalizada no ano de 2014. Possui um amplo espaço físico, dispondo de seis turmas que contemplam alunos de seis meses até os cinco anos de idade. Localiza-se em uma área nobre da cidade, no entanto, o público alvo é constituído, em sua maioria, de crianças vindas de diversos bairros da periferia da cidade, além de filhos de domésticas que trabalham nas proximidades do CREI.

A creche X, apesar do amplo espaço, necessita de uma reforma, visto que ainda não está adaptada ao padrão utilizado atualmente pela prefeitura do município, que é totalmente preparada para a educação infantil, ou seja, os CREIS recém-construídos ou reformados dispõem de salas com cadeiras e mesas, banheiros e refeitórios todos adequados ao tamanho das crianças, além de brinquedoteca, parque, área de lazer e decoração adaptada às crianças.

Com relação ao CREI Y, é uma creche relativamente nova e funciona com quatro turmas que contemplam alunos de dois até cinco anos de idade. A creche é adaptada à educação infantil, no entanto, não possui parquinho. Dispõe de quadro completo de funcionários e é localizada em um bairro de periferia, numa área bastante violenta. A maioria dos alunos são filhos de presidiários, pessoas ligadas ao crime e desempregados.

Ambas as creches funcionam no período integral e contam com a contribuição de estagiários de fisioterapia, odontologia, medicina, psicologia, entre outros, sendo grande parte desses estagiários estudantes da Universidade Federal da Paraíba. Com relação aos funcionários, estes participam anualmente de formações continuadas.

4.2 O Perfil Profissional Docente

Esta pesquisa contemplou dez professoras da Educação Infantil, que ensinam em duas creches do município, e que colaboraram em responder os questionamentos de forma objetiva, expondo seus conhecimentos, opiniões e suas experiências acerca do tema.

A primeira parte da pesquisa objetivou listar informações básicas e pessoais sobre o perfil das professoras, tais como: gênero/sexo, turma em que lecionam, formação para o exercício profissional e tempo de atuação na Educação Infantil. Desse modo, observamos que

a docência na Educação Infantil é exclusividade do sexo feminino nos dois CREIS pesquisados e que o tempo de atuação das docentes varia entre quatro meses até dez anos de experiência.

A mais breve observação nos remete à feminização do magistério e da responsabilidade em relação à educação escolar das crianças ainda ser atribuída à mulher, especialmente na Educação Infantil. Perpetua-se, então, a questão da educação ser delegada ao sexo feminino, que é vista como natural, inclusive no que diz respeito às monitoras que são as pessoas encarregadas de cuidar da higiene, alimentação e outros cuidados básicos físicos das crianças.

Ao longo da história, a educação das crianças esteve intimamente ligada ao feminino, ou seja, ao papel de mãe dando continuidade ao cuidar, pois a educação infantil requer também cuidados físicos e essas condições contribuíram para o não reconhecimento da profissionalização do educador infantil, visto que existe uma especificidade no papel docente infantil que é o de cuidar e educar, diferentemente de outros níveis do ensino.

Deve-se ressaltar que o profissionalismo é muitíssimo importante, pois não se pode ver a docência como algo naturalizado, como um dom ou um sacerdócio, embora a história da educação tenha contribuído para a formação dessa imagem de docência relacionada ao amor e à vocação. Neste caso, o professor acaba sendo descaracterizado como intelectual e passa a ser mero executor, facilitador do processo de ensino-aprendizagem, que objetiva descobrir novos talentos.

Com relação às turmas em que lecionam, identificou-se que duas professoras ensinam na turma de dois anos, duas na turma de três anos, duas na turma de quatro anos e duas na turma de cinco anos, além de uma professora do berçário I que corresponde às crianças de até um ano de idade e uma professora do berçário II que corresponde às crianças entre um e dois anos de idade.

Observando a formação das professoras, a maior parte delas, mais precisamente sete professoras, possui formação para o Magistério em nível médio, duas professoras são licenciadas em Pedagogia em nível superior e apenas uma docente iniciou pós-graduação em nível de especialização em Psicopedagogia, porém não concluiu.

Desse modo, percebe-se o quanto urge a necessidade de uma formação em nível superior, de modo a valorizar a Educação Infantil em toda a sua especificidade, pois, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais, o pedagogo deve ser um profissional ético, criativo, crítico e competente, que desenvolva uma prática educativa motivada pelo compromisso social e político, além de conhecer a realidade nacional e local, dominar a teoria e a prática,

compreender as bases teórico-metodológicas do trabalho docente, articular conhecimentos adquiridos no curso, saber utilizar as tecnologias de informação e comunicação e também estar aberto e flexível para continuar aprendendo, se atualizando e se qualificando, entre outros.

Se pensarmos, especificamente, no profissional da educação infantil, esse papel se torna ainda mais complexo, pois o educador/pedagogo infantil não somente educa, mas cuida, tendo um pouquinho de mãe, de amigo, de psicólogo, de protetor, médico, etc. Como vimos, o pedagogo apresenta vários papéis no que diz respeito ao processo educativo. Mas o seu papel principal é de atualização, de busca constante, ou seja, é necessário que se busque um processo contínuo de formação. Assim, reitera-se a importância da formação em nível superior em pedagogia.

4.3 As Formas de Agressividade na Escola

Na segunda parte da pesquisa de campo, intencionou-se analisar a questão da agressividade nas escolas de educação infantil, elencando, de fato, se há agressividade nas salas de aula, quais as formas de agressividade vivenciadas, como as professoras lidam com a agressividade, a quem ou a que atribuem o comportamento agressivo das crianças, como concebem o papel do professor para evitar o comportamento agressivo na educação infantil, além de avaliar se a escola tem algum projeto que contemple a temática e se as docentes tiveram formação para atuar com crianças agressivas.

O primeiro questionamento trouxe a seguinte indagação: Em sua sala de aula, você observa comportamento agressivo por parte das crianças? Explique de que forma. De acordo com as respostas das educadoras, constatou-se que há agressividade em todas as salas da educação infantil, exceto no berçário I, que corresponde às crianças menores de um ano, pois na concepção da professora as mordidas e as birras são comportamentos naturais da criança. Desse modo, inconscientemente a docente comunga com a teoria Winnicottiana no sentido de que alguns comportamentos agressivos são naturais do ser.

Com relação às demais professoras, todas relataram que existe comportamento agressivo em suas salas de aula, porém em níveis diferentes e que estes comportamentos eram encontrados em algumas crianças.

A professora A, do CREI X, afirmou:

“Sim. Através das brincadeiras em grupo, das brincadeiras de roda e na divisão de brinquedos, temos agressividade, mordidas, murros, tapas e chutes”.

A professora B, do CREI X, relatou outra perspectiva da agressividade:

“Através de suas atitudes para com as outras crianças, em termos de palavras, mas não são todas as crianças, apenas algumas dessas, sem contar as que têm algum distúrbio ou deficiência e acabam induzindo os outros à agressão”.

Desse modo, observamos a partir das respostas, que a agressividade não só causa dano físico, como citou a professora A, mas também é vista através do dano psíquico, ou seja, reconhece-se que as palavras podem machucar, como relatou a professora B.

Outro ponto que chamou a atenção foi o fato de a professora B relacionar a agressividade às crianças detentoras de necessidades especiais, como se o distúrbio ou a deficiência física fossem a causa do comportamento agressivo. Em sua visão, essas crianças com Necessidades Educacionais Especiais – NEE induzem o comportamento das demais crianças. De fato, a turma da professora possui duas crianças com necessidades especiais diferenciadas: uma é deficiente auditiva e hiperativa diagnosticada e a outra possui deficiência mental leve, mas apresenta um comportamento extremamente agressivo, chegando a lançar uma cadeira sob uma coleguinha que levou seis pontos na cabeça.

Ao serem indagadas sobre as formas de agressividade já vivenciadas em sala de aula, as docentes relataram que já presenciaram agressões físicas, tais como: mordidas, beliscões, tapas, murros, chutes, lançamento de objetos, brigas em geral, além de agressões verbais, como por exemplo, os xingamentos, palavrões, as ameaças e a destruição de materiais. Algumas professoras também informaram que já foram vítimas de agressividade, dentre elas, duas do CREI Y foram vítimas da violência: uma sofreu uma mordida muito forte no braço, outra sofreu uma queda devido a um empurrão e várias docentes dos dois CREIS sofreram chutes, tapas e agressões verbais.

Em relação às posturas empregadas com as crianças agressivas, as professoras, diante do questionamento: Como você lida com a criança agressiva?, relataram que tomam atitudes coercitivas, dentre elas: nove confirmaram que põem a criança de repouso, quatro conversam com a criança, cinco chamam a atenção, uma perde a paciência e não sabe o que fazer, oito proíbem de realizar alguma atividade recreativa, duas levam a criança para a direção ou coordenação, sete conversam com os pais.

É importante destacar que as docentes tinham a opção de assinalar mais de uma alternativa, visto que esta era uma questão objetiva. Nenhuma delas afirmou que gritava com

a criança, mas observei que é uma atitude relativamente comum. Outro fato que chamou a atenção foi o de que uma das docentes revelou que perde a paciência e não sabe o que fazer, como citado. Creio que esta inquietação faz parte da postura da grande maioria das docentes, pois as atitudes, nesses casos, têm de ser equilibradas.

Ao serem indagadas sobre a quem ou a que atribuíam o comportamento agressivo das crianças, todas foram unânimes ao afirmarem que a culpa é dos pais e/ou da família. Vejamos o depoimento da docente G, do CREI Y “A família. A falta de atenção, de carinho e de disciplina contribui para o comportamento agressivo da criança”.

A docente C, do CREI X, também concordou com a opinião: “Na maioria das vezes ao ambiente em que vive, a formação familiar e a falta de estrutura física e familiar também.”

A seguinte indagação versava sobre a formação acadêmica da docente, com a pergunta: “Na sua formação, você foi preparado para atuar com crianças agressivas? Explique”. Nesta questão, nove professoras responderam que não foram preparadas para esta atuação e apenas uma das participantes informou que tinha uma preparação mínima, devido ao curso de Psicopedagogia que havia iniciado, porém não concluído.

O décimo primeiro questionamento avaliava o papel do professor no que diz respeito à prevenção e combate ao comportamento agressivo e, mais uma vez, todas informaram que acreditam que o professor tem um papel muito importante. Continuando nessa linha de pensamento, indagamos sobre como o docente pode contribuir para evitar o comportamento agressivo na educação infantil e obtivemos as seguintes respostas:

(Educadora D, do CREI X)

“Através da parte pedagógica, mostrando a afetividade, regras, metodologias adequadas e tentando criar um elo com os pais, que, na maioria das vezes, não comparecem à escola quando é para tratar da educação de seus filhos.”

A educadora J, do CREI Y: “Fazendo uma parceria entre a família e a escola. Além de acompanhar o comportamento individual de cada criança.” E a educadora E do, CREI X: “Através de uma parceria entre os pais e o corpo docente”.

Pelas respostas dadas, percebemos que a escola em si sente a necessidade da presença dos pais em todos os aspectos. As professoras relatam que os pais são omissos no que tange à educação de seus filhos, recorrendo à escola só quando são convocados.

Maia (2007) afirma que a base para que a criança possa vivenciar a agressividade e superá-la está na família e se a criança não está tendo essa base, como constatamos com a omissão relatada, claramente podemos inferir que a família está contribuindo para o fortalecimento do comportamento agressivo.

Como vimos, o RCNEI (1998, p.21) reconhece a importância da família como base fundamental, sendo esta biológica ou não, concordando com Maia que se há falha na base parental, certamente a criança terá problemas na constituição de sua personalidade, pois esta se forma a partir das vivências e das experiências da criança.

Finalizando o questionário, indagamos se na escola existia algum projeto para minimizar o comportamento agressivo das crianças e as docentes responderam que sim, pois nas escolas X e Y há uma orientadora que trabalha essa temática.

Ao questionar se o Projeto Político Pedagógico contemplava essa temática, as docentes informaram que sim, mas o projeto da creche X estava na Secretaria de Educação aguardando aprovação e o da creche Y não estava disponível para acesso.

Essa questão deixou um vácuo, pois as docentes não responderam como desenvolviam o projeto que elas afirmavam existir e nem tampouco conseguimos nos certificar de que a temática era contemplada nos Projetos Políticos Pedagógicos das referidas escolas. Desse modo, a coleta de dados foi finalizada.

Através de ações simples dentre elas: saber fazer uma leitura cuidadosa de todos os sinais infantis, conversar muito com a criança, tornar a vida da criança desafiadora e interessante, ensinar a escutar e ajudar a explorar os desafios e segredos de seu mundo, nós podemos colaborar para o pleno desenvolvimento infantil e, desse modo, superar a agressividade.

Concluimos que o ambiente escolar deve ser facilitador de maneira a permitir que a criança vivencie a agressividade e a supere, reconhecendo a importância da educação infantil para a formação do ser humano, concordando com Antunes (2012), que esta etapa representa o ponto mais expressivo de toda a educação humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar a respeito da agressividade na educação infantil é afirmar que este comportamento existe de fato nesse nível de ensino. É preocupante o número crescente de ocorrências destes casos na escola e, principalmente, a extensão da agressividade para as professoras.

A pesquisa confirmou o que pensávamos: é enorme a dificuldade de as professoras e de os sujeitos envolvidos no processo educacional em lidar com esse comportamento infantil, compreendido pela deficiência na formação de professores que não contempla essa temática tão atual e instigante.

Além dessa dificuldade, são vários os fatores que podem desencadear comportamentos agressivos, tais como: meio cultural, social, econômico, gênero, idade, família, cultura, etc.

No entanto, reitero a importância do ambiente como propulsor do fracasso ou do sucesso no que concerne à agressividade, pois a criança reflete os acontecimentos de seu meio e as formas como os pais educam seus filhos podem ocasionar a não superação deste transtorno de conduta.

A escola, primeiro ambiente social depois da família, pode promover um ambiente positivo se reconhecer a agressividade como algo natural da criança e assim estabelecer meios de canalizar a agressividade para que se incorpore na personalidade dela, ou seja, a criança deve vivenciar e superar a agressividade, como citado, visto que esta faz parte do desenvolvimento natural do ser.

O espaço escolar deve instigar a criança a pensar e se expressar, além de ensinar a exercitar o respeito e o reconhecimento da diversidade, estendendo estes comportamentos para outras esferas sociais. É necessário pensar em um espaço que atenda as necessidades das crianças, ou seja, um espaço em que a criança possa interagir com o meio, permitindo a promoção da identidade infantil, da competência, da capacidade de crescer, da sensação de segurança e de confiança e a promoção de oportunidades para contato social e privacidade.

Além disto, precisamos do comprometimento dos pais em educar seus filhos, educá-los para que a escola complemente este processo de educar-cuidar, pois podemos constatar que o problema da agressividade na Educação Infantil é profundo, ou seja, não é algo que o docente possa resolver sozinho, mas passa por questões sociais, culturais e políticas sérias.

Mais do que traçar planos para intervir no comportamento agressivo infantil, é necessário que se pense como propiciar o apoio e a formação adequada para que o docente

possa atuar com as crianças agressivas. Da formação inicial à formação continuada, é gritante a necessidade de contemplar esta temática para que o professor possa desenvolver metodologias capazes de garantir um espaço escolar saudável, seguro e não violento.

Esperamos que essa pesquisa possa suscitar o desejo de aprofundar o tema em estudo, para que a escola possa proporcionar um ambiente adequado à Educação Infantil e, assim, conseguirmos efetivamente formarmos cidadãos transformadores, justos e, principalmente, não violentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2012.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRENNAND, E. J. G.; FIGUEIREDO, M. A. C.; MEDEIROS, J. W. M. **Metodologia Científica na Educação a Distância**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. 1, 2 e 3.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

DIAS, Elsa Oliveira. **Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento**. Natureza humana, 2000, vol.2, n.1, p.9-48. ISSN 1517-2430.

LAPLANCHE, J. **Vocabulário da Psicanálise**/ Laplanche e Pontales. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MAIA, M. V. C. M.; VILHENA, J. “Nos deram espelhos e vimos um mundo doente”: reflexões sobre agressividade, comportamento anti-social e violência na contemporaneidade. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, Garça, 1ª ed., nov. 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria e Método e Criatividade**. 6.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MUCCHIELLI, Roger. **A personalidade da criança: sua formação do nascimento até o fim da adolescência**. 2 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora A.M. Teixeira & C. A. (Filhos), 1963.

PESCE, Renata Pires. **Agressividade e transgressão em crianças: um olhar sobre comportamentos externalizantes e violências na infância**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Editora, 1970.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. São Paulo: Rêspel. 2008.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário Ruth Rocha**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2006.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6 ed. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, 1982.



COMPONENTE CURRICULAR: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROFESSORA FORMADORA: IDELSUITE DE SOUSA LIMA

ORIENTADORA: VERÔNICA DE LOURDES B. OLIVEIRA

ALUNA: SABRINA PEREIRA DE LIMA

MATRÍCULA: 91023247

POLO: JOÃO PESSOA

Instrumento de coleta de dados: questionário

1. Gênero/ Sexo?

() feminino

() masculino

2. Quanto tempo exerce a função docente? _____

3. Qual a turma que você leciona?

() 2 anos

() 3 anos

() 4 anos

() 5 anos

() Outra. Especifique: _____

4. Qual a sua formação para o exercício da docência?

() Ensino médio completo

() Magistério em nível médio

() Superior em Pedagogia

() Pós-graduação/ especialização

() Mestrado

() Doutorado

() Outra. Especifique. _____

5. E a situação do curso? Especifique.

() concluído

() cursando

() desistente

() Outra. _____

6. Em sua sala de aula, você observa comportamento agressivo por parte das crianças? Explique de que forma. _____

7. Quais as formas de agressividade já vivenciadas por você em sala de aula?

() Mordidas/ beliscões

() Tapas/ murros

() Agressão verbal: xingamentos/ palavrões

() Brigas

() Ameaças/ Chantagens

() Chutes

() Outras. Especifique. _____

8. Como você lida com as crianças agressivas?

() Põe de repouso.

() Ignora.

() Perde a paciência muitas vezes e não sabe o que fazer.

() Conversa.

() Chama a atenção.

() Proíbe de fazer alguma atividade recreativa e de lazer.

() Leva a criança para a direção ou coordenação.

() Conversa com os pais.

() Grita.

() Outra. Especifique. _____

9. A que/quem você atribui o comportamento agressivo na criança? Explique.

10. Na sua formação, você foi preparado (a) para atuar com crianças agressivas? Explique.

11. Você acha que o professor tem papel importante na prevenção e no combate do comportamento agressivo?

() sim () não

12. Na escola, em que você leciona, existe algum projeto que objetive minimizar o comportamento agressivo? E o Projeto Político Pedagógico – PPP contempla essa temática? _____

13. Como o docente pode contribuir para evitar o comportamento agressivo na educação infantil? _____

Agradeço pela sua valiosa contribuição e garanto que será mantido o anonimato.

___/___/___